

## CORPO E IDENTIDADE EM *QUICKSAND* DE NELLA LARSEN

Renata Thiago Pontes (Mestranda UERJ – bolsista CAPES)

### 1. Introdução

O corpo e a sexualidade feminina possuem lugar de destaque na produção literária de escritoras contemporâneas porque eles foram os principais objetos através dos quais todo um mecanismo de dominação masculina e patriarcal foi criado e mantido. Em sua maioria, o trabalho da crítica feminista ainda está conectado com a desconstrução de uma série de discursos como o da medicina, o das leis, o religioso e o psicanalítico, por exemplo. Esses discursos construíram as “verdades” em relação ao que seria considerado feminino, a maneira em que o corpo e as emoções deveriam funcionar, e, por fim, o que deveria ser a verdadeira essência da feminilidade. Por muitos anos esses discursos reinaram sozinhos, sem serem questionados e apenas recentemente críticas feministas começaram a salientar e denunciar o processo ideológico de construção dessa mulher em relação a seu sexo, biologicamente, e em relação a seu gênero, socialmente e culturalmente. O objetivo deste trabalho é analisar esse processo ideológico de construção dos corpos e das identidades das mulheres no romance de Nella Larsen, *Quicksand* (1928), e em nossa sociedade.

### 2. O corpo feminino: uma construção do discurso

De acordo com Simone de Beauvoir, a palavra mulher é normalmente associada a palavras como “útero”, “ovário” e “fêmea” por “adoradores de fórmulas simples”. Para o homem a palavra fêmea é quase um insulto, já que ele tem orgulho de sua condição como macho e de sua natureza animal. O termo fêmea, de acordo com Beauvoir, é derogatório, não por enfatizar a natureza animal da mulher, mas porque a aprisiona em seu sexo. Beauvoir chama nossa atenção para o fato de que os homens tentam achar na biologia uma justificativa para considerar as mulheres como possuidoras de uma natureza animal e, sendo assim, inferiores (BEAUVOIR, 1997, 35).

Como os homens tentam definir a inferioridade feminina através de dados biológicos, Beauvoir usa a biologia para contestar essa inferioridade. Primeiro ela chama nossa atenção para o fato de que embora os machos e as fêmeas sejam dois tipos diferenciados pela função da reprodução, mesmo essa divisão das espécies em dois sexos não é sempre bem definida. Na verdade, para algumas espécies como as amebas e protozoários, a reprodução independe da sexualidade. Cada célula se divide e subdivide independentemente, sem necessitar de parceiro. Em muitas espécies, como os vermes, a reprodução ocorre de maneira assexuada e em outras espécies, como as abelhas, nós encontramos casos de partenogênese, onde óvulo de uma fêmea se transforma em um novo indivíduo sem precisar ser fertilizado por um macho (BEAUVOIR, 1997, 36).

A sociedade criou uma grande variedade de crenças sobre as funções dos dois sexos. A princípio elas não possuíam nenhuma base científica e foram criadas com base em crenças sociais. Estes mitos foram a base sobre a qual o patriarcalismo e sua sociedade iriam se construir e assegurar seu poder sobre as mulheres. A respeito da procriação era necessário conceder a mulher seu papel porque não era possível, por razões evidentes, excluí-la completamente deste processo. Como poderiam afirmar que a mulher não possuía papel na procriação quando todos podiam notar que o bebê se

desenvolvia dentro dela? Para resolver esse problema um mito foi criado: a mulher carregava e nutria a semente viva que fora criada apenas pelo pai. A mãe era apenas um receptáculo, possuindo um papel passivo:

Aristotle fancied that the foetus arose from the union of sperm and menstrual blood, woman furnishing only passive matter while the male principle contributed force, activity, movement, life. Hippocrates held to a similar doctrine, recognizing two kinds of seed, the weak or female and the strong or male. The theory of Aristotle survived through the Middle Ages and into modern times (BEAUVOIR, 1997, 40).

Hoje em dia a equivalência dos gametas é conhecida e coloca homens e mulheres em posição igualitária na reprodução. No passado as pessoas costumavam pensar que o esperma era a vida e que os óvulos eram apenas utilizados para a nutrição. As mulheres, curiosamente, eram culpadas quando o bebê não era do sexo masculino. Hoje sabemos que, nos seres humanos, é o esperma que define se o bebê será um menino ou uma menina. Além disso, contrariando o pensamento machista, as mulheres provaram ser tão inteligentes, independentes e fortes (fisicamente e psicologicamente) quanto os homens.

Algo que deve ser observado é o fato de que o indivíduo pode ser profundamente afetado pelo ambiente em que se desenvolve. Quando um menino e uma menina nascem eles não sabem o papel que a sociedade espera que eles desempenhem. Esta poderia ser uma outra prova de que as teorias que estipulam a bravura como sendo masculina e a fragilidade e a passividade como sendo femininas são tendenciosas e não possuem nenhuma base científica. Corpos são textos onde ideologias e práticas sociais são escritas.

O corpo não é um destino. É uma construção do discurso, um discurso permeado e manipulado pelo poder e pela manutenção dele. É o discurso e não a biologia que determina que a mulher deve ser frágil, quieta, educada, dependente e que deve ficar em casa cozinhando e cuidando dos filhos. O mesmo discurso determina que os homens devem ser corajosos, independentes, fortes e não apegados ao lar ou não tendo responsabilidades sobre os cuidados com o mesmo e os filhos. "To be present in the world implies strictly that there exists a body which is at once a material thing in the world and a point of view towards this world; but nothing requires that this body have this or that particular structure"(BEAUVOIR, 1997, 39).

De acordo com Susan Bordo, visões comuns do corpo a cultura ocidental o retratam como animalizado, enganador, prisão da alma e destruidor de seus projetos. Mas isso não significa que o corpo sempre tenha possuído conotações negativas. Ele é historicamente variável. Diferentes estudiosos atribuíram diversas imagens a ele.

Plato imagines the body as an epistemological deceiver, its unreliable senses and volatile passions continually tricking us into mistaking the transient and illusory for the permanent and the real. For Schwartz, the body and its passions are obstacles to expression of the "inner" life; his characteristically modern frustration over the isolation of the self and longing for "authenticity" would seem very foreign to Plato (BORDO, 1995, 3).

No que diz respeito ao pensamento cristão, o corpo é mau, a raiz do pecado e para o mecanismo científico ou a filosofia do século XVII o corpo é espaço do instinto e não do mau e o instinto pode ser controlado. Em momentos diferentes da história o corpo assume novas imagens e associações de acordo com as pressões e intenções da sociedade. O corpo das mulheres sempre tem sido retratado como algo negativo, mau, e a este corpo todos os problemas da humanidade foram atribuídos. Por exemplo, na Bíblia uma natureza sedutora e má é atribuída às mulheres quando Eva convence Adão a comer do fruto proibido, e, conseqüentemente, a morte e todas as misérias começam a fazer parte do mundo e Eva e Adão são expulsos do Paraíso. Baseando-se em exemplos como esse, retirado da Bíblia, a sociedade oprime as mulheres e cria preconceitos contra elas. As mulheres não precisam falar para serem consideradas provocantes e tentadoras. Em muitos casos, devido ao discurso atribuído ao corpo feminino, mulheres foram atacadas fisicamente, ou mesmo verbalmente por homens em geral, por vestirem minissaias, por exemplo. A ditadora sociedade patriarcal prega que se uma mulher veste certos tipos de roupas isto não significa que ela goste delas ou se sinta confortável com elas. Para essa sociedade, isto significa que ela deseja provocar os homens. Em outras palavras, se uma mulher não está dentro de sua casa vestindo roupas consideradas decentes, ela está caçando, atraindo e seduzindo homens. Infelizmente esta visão do corpo feminino não é pregada apenas pelos homens. Algumas mulheres agem de maneira sexista, criticando e reclamando de outras mulheres e aceitando a violência masculina contra outras mulheres por causa de suas roupas, por exemplo.

Women and girls frequently internalize this ideology, holding themselves to blame for unwanted advances and sexual assaults. This guilt festers into unease with our femaleness, shame over our bodies, and self loathing. For example, anorexia nervosa, which often manifests itself after an episode of sexual abuse or humiliation, can be seen as at least in part a defense against the “femaleness” of the body and a punishment of its desires (BORDO, 1995, 8).

As formas dos corpos também precisam ser levadas em consideração nesta reflexão sobre o corpo. As dietas, o ambiente e as atividades típicas de um corpo variam através da história. Normalmente o corpo feminino aparece como pertencendo à esfera privada e o masculino a pública. Quando um deles inverte essa ordem, ele pode ser construído de maneira diferente:

The body of a woman confined to the role of wife/ mother/ domestic worker, for example, is invested with particular desires, capacities and forms that have little in common with the body of a female Olympic athlete. In this case biological commonality fails to account for the specificity of these two bodies. Indeed, the female Olympic athlete may have more in common with a male Olympic athlete than with a wife/ mother. This commonality is not simply at the level of interests or desires but at the level of the actual form and capacities of the body (GATENS, 1999, 228).

A cultura também é reguladora dos corpos, podendo fazê-los agir como fantoches em um show de marionetes. Ela pode definir como, o que e quando uma pessoa deve falar, sentar, pensar, vestir, etc. A cultura confina as mulheres a suas casas, ao embelezamento de seus corpos, a reprodução e aos cuidados com sua família. De fato, a cultura ajuda a transformar as mulheres em seus piores inimigos. Juntamente com a ditadura patriarcal, a cultura e suas idéias são internalizadas pelas mulheres e depois propagadas a seus filhos e filhas de maneira que fortaleça cada vez mais o ciclo de opressão em que estão. Mas nem todas as mulheres internalizam essas crenças e práticas. Muitos críticos chamam a nossa atenção para o fato de que durante toda a história da humanidade sempre houve exemplos de resistência contra a opressão sofrida pelas mulheres. Nesses casos elas não eram passivas e sem vontade própria. O que foram as bruxas, por exemplo? Muitas delas foram queimadas na fogueira por apenas não possuírem um comportamento correspondente com as regras das sociedades patriarcais em que viviam.

De acordo com Lucy Irigaray, precisamos desconstruir as representações que seguem exclusivamente a parâmetros masculinos, porém não é uma questão de substituir a ordem falocrática por outra. É necessário rompê-la e modificá-la (IRIGARAY, 1995, 68). “The body` is not, for all its corporeality, an originating point nor yet a terminus; it is a result or an effect” (RILEY, 1999, 221). O gênero pode ser entendido neste modelo não como o efeito de uma ideologia ou valores culturais, mas como a forma pela qual o poder controla e constrói corpos de maneiras específicas (GATENS, 1999, 230).

A questão não é fazer as mulheres se comportarem como homens e nem os homens como mulheres. O que precisa ser assegurado é o direito de ambos se comportarem e pensarem da maneira que preferirem, sem que fiquem aprisionados a estereótipos. Uma mulher precisa ter o direito de escolher se ela quer ter uma carreira profissional fora de seu lar ou não, se seu cabelo será curto ou longo, se terá filhos ou não, entre outros aspectos. Um homem precisa ter o direito de escolher como deseja ser, ter cabelo longo ou curto, ser dono-de-casa ou empregado de uma companhia, poder chorar em público, e muitos outros aspectos proibidos pelos estereótipos femininos e masculinos. Os homens não são os inimigos e ser feminista não significa odiar a todos eles nem ter que tentar se comportar como os mesmos. Não. Ser feminista significa ter a coragem de lutar pelo direito das pessoas escolherem a maneira como querem ser e apresentar a elas o maior número de escolhas possível. Os corpos devem ser livres e capazes de escrever textos próprios e originais sem precisarem se adaptar a normas estipuladas sobre eles pelos estereótipos da sociedade. “To insist on sexual difference as the fundamental and eternally immutable difference would be to take for granted the intricate and pervasive ways in which patriarchal culture has made that difference its insignia”(GATENS, 1999, 233).

### 3. Nella Larsen e seu *Quicksand*

Metade escandinava, metade cidadã das Índias Ocidentais dos Estados Unidos com traços de ascendência Alemã e Africana, Larsen personificava a figura do híbrido. Ela nasceu em 13 de abril de 1891 e seu nome era Nellie Walker. Era a filha de uma imigrante dinamarquesa e de um homem cuja nacionalidade era desconhecida, mas que tinha em sua certidão de nascimento a expressão “de cor” (*colored*). A pequena Nellie Walker também havia sido classificada como uma pessoa “de cor”. O fato de ser

considerada mestiça e sua aparência que muito destoava da das pessoas consideradas brancas iriam dificultar o estabelecimento de suas relações não apenas com aqueles que eram parte da comunidade negra, mas também com sua própria família, que iria cada vez mais se tornar parte da fatia da população americana que poderia alcançar a ascensão econômica e social (DAVIS, 2002, 7 - 8)..

A parte de maior destaque da identidade transnacional de Nella Larsen, entretanto, estava não em sua ascendência francesa, mas na dinamarquesa. Seu primeiro romance, *Quicksand*, explora as possibilidades decorrentes de sua identificação com sua herança étnica. As características híbridas da autora alimentam sua descrição de Helga Crane, uma irrequieta protagonista moderna determinada a escapar das armadilhas do casamento e da maternidade, que ela associa às limitações raciais e de gênero nos Estados Unidos e à repressão característica da vida da classe média negra. Helga personifica algumas das tensões que dividem os lugares e as mentes dos afro-descendentes. A vida da comunidade não branca no ocidente e o tratamento conferido a ela devido à cor de sua pele se tornaram os principais temas discutidos por Larsen. O olhar de Larsen sobre o racismo não é puramente nacionalista. Ela não se esquece de retratar a opressão sofrida pelas mulheres. *Quicksand* é uma obra literária que aborda questões relacionadas à identidade, hibridismo, gênero e diáspora entre outros aspectos. A análise dessa obra seguindo o viés dos Estudos Culturais é importante porque ela é um exemplo singular da literatura pós-colonial. Além disso, a diáspora e a hibridização aparecem nessa obra como importantes fatores na construção da identidade das mulheres afro-descendentes. *Quicksand* é uma representação da iniciativa das mulheres afro-americanas de criticar a sociedade patriarcal pós-colonial que as impede de alcançar uma posição social igualitária em relação aos homens, sendo eles brancos ou negros.

No romance, podemos notar que Helga Crane é uma personagem inspirada na própria Larsen. A mãe de Helga é branca e dinamarquesa e seu pai é negro e sem origem conhecida. Helga é uma “mestiça”. Etnicamente dinamarquesa e nascida no norte dos Estados Unidos, mas com a pele negra e educada no sul do mesmo país, Helga é a representação do híbrido, daquele que pertence a todos os lugares ao mesmo tempo não pertencendo a nenhum. Sua descrição física pode ser vista na seguinte passagem:

An observer would have thought her well fitted to that framing of light and shade. A slight girl of twenty-two years, with narrow, sloping shoulders and delicate, but well-turned, arms and legs, she had, none the less, an air of radiant, careless health. In vivid green and gold negligee and glistening brocaded mules, deep sunk in the big high-backed chair, against whose dark tapestry her sharply cut face, with skin like yellow satin, was distinctly outlined, she was – to use a hackneyed word – attractive. Black, very broad brows over soft, yet penetrating, dark eyes, and a pretty mouth, whose sensitive and sensuous lips had a slight questioning petulance and a tiny dissatisfied droop, were the features on which the observer’s attention would fasten; though her nose was good, her ears delicately chiseled, and her curly blue – black hair plentiful and always straying in a little wayward, delightful way. Just then it was tumbled, falling unrestrained about her face and on to her shoulders (LARSEN, 2002, 6).

Ela sofre muito em sua vida, pois seu pai biológico abandona a família, seu padrasto e seus meio-irmãos a maltratam e sua mãe não a defende. Seu conflito interno na busca por sua identidade, por um lugar a que pertença, se relaciona com a visão que ela possui dos Estados Unidos e da Dinamarca. O primeiro claramente apresenta uma grande diversidade étnica, porém não trata a todas as etnias da mesma forma. Isso pode ser visto em passagens como a seguinte, na qual um pastor negro vai a Naxos, a escola negra, para pregar:

This was, he had told them with obvious sectional pride, the finest school for Negroes anywhere in the country, north or south; in fact, it was better even than many schools for white children. And he had dared any Northerner to come south and after looking upon this great institution to say that the Southerner mistreated the Negro. And he had said that if all Negroes would only take a leaf out of the book of Naxos and conduct themselves in the manner of the Naxos products, there would be no race problem, because Naxos Negroes knew what was expected of them. They had good sense and they had good taste. They knew enough to stay in their places, and that, said the preacher, showed good taste (LARSEN, 2002, 6).

A segunda, apesar de possuir uma população majoritariamente branca, possui uma espécie de racismo velado, que faz com que Helga seja tratada bem, mas como um ser extremamente exótico, diferente. Isso pode ser notado, por exemplo, quando a tia dinamarquesa de Helga a pede que use roupas coloridas e exóticas para ir a uma festa onde ela seria apresentada a sociedade dinamarquesa: "Oh, I'm an old married lady, and a Dane. But you, you're young. And you're a foreigner, and different. You must have bright things to set off the color of your lovely brown skin. Striking things, exotic things. You must make an impression" (LARSEN: 2002: 70).

As viagens de Helga Crane a colocam em contato com muitas sociedades que a própria Larsen conhecia. Primeiro conhecemos Naxos, uma pequena cidade que possui uma escola para negros onde Helga leciona. Inicialmente ela é entusiasmada, cheia de idéias para melhorar a educação do lugar e está noiva de um professor muito influente. Porém, ela percebe que Naxos não é um lugar que busca promover a igualdade entre os direitos dos negros e dos brancos e sim um lugar que ensina aos afro-descendentes o lugar que os brancos haviam separado para eles: "This great community, she thought, was no longer a school. It had grown into a machine. It was now a show place in the black belt, exemplification of the white man's magnanimity, refutation of the black man's inefficiency. Life had died out of it" (LARSEN, 2002, 8).

Helga deixa a cidade de Naxos, rompe com seu noivo e parte para Chicago em um trem. Logo ela descobre que Chicago também não seria seu sonhado lar: "Helga Crane, who had been born in this dirty, mad, hurrying city had no home here. She had not even any friends here" (LARSEN, 2002, 30). De fato, sua família mora em Chicago mas não deseja a presença de Helga por ela ser negra.

Continuando suas viagens, ela se muda para o Harlem, onde encontra uma classe média negra refinada mas hipócrita e obcecada pelo "problema da raça": "It was as if she were shut up, boxed up, with hundreds of her race, closed up with that something in the racial character which had always been, to her, inexplicable, alien. Why, she

demanded in fierce rebellion, should she be yoked to these despised black folk?"(LARSEN, 2002, 57). Helga se muda para a Dinamarca para viver com seus tios brancos e é recebida como um tesouro exótico e um objeto de desejo. Com o tempo, ela sente saudades da vida no Harlem e retorna para lá. Após ter seu coração partido por um homem casado, ela participa de um culto em uma igreja e conhece seu futuro marido, o pastor da própria, Reverend Green. Perdida e achando que Deus a havia levado aquele lugar que parecia ser o seu, ela se casa e se muda com o reverendo para o pobre sul dos Estados Unidos. Depois de dar a luz a três crianças em apenas vinte meses, Helga percebe que desperdiçou sua vida e fica desiludida com a obsessão cega das pessoas da região pela religião.

#### 4. Corpo e identidade em *Quicksand*

Em cada uma dessas viagens, ou diásporas, Helga Crane falha na sua busca por seu lugar na sociedade e por sua identidade. De acordo com teóricos pós-modernos como Stuart Hall e Homi K. Bhabha, Helga nunca conseguiria, e não consegue, negar suas origens e delinear sua identidade cultural como negra ou branca, americana ou dinamarquesa, visto que a identidade é algo em constante mutação e impossível de ser rotulada. Homi K. Bhabha, em *The Location of Culture*, afirma que através do contato estabelecido entre colonizador e colonizado, a identidade abandona um caráter monolítico e totalizante para dar lugar a identidades construídas nos “entre lugares” (BHABHA: 1994: 2). Em *Signs Taken for Wonders*, Bhabha declara que desse contato estabelecido entre colonizador e colonizado surgem modalidades híbridas de expressão que desafiam a pressuposição dos conceitos “puros” e “autênticos” sobre os quais a resistência se estabelece (BHABHA: 1997: 34). Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, sugere que o sujeito pós-moderno é fragmentado, possuindo diversas identidades, e que as nações modernas são híbridos culturais (HALL: 1999). Essa hibridização e fragmentação estão presentes em *Quicksand* e também exercem grande influência nas relações familiares dos personagens nesses trabalhos. Nessa obra, a hibridização pode ser até fisicamente notada, já que Helga Crane é a figura do híbrido, a mulata, alguém que não é nem branco nem negro sendo as duas coisas ao mesmo tempo. Ela passa sua vida inteira tentando se encaixar no mundo dos brancos ou dos negros, não conseguindo êxito em nenhum deles. No fim do romance, Helga desiste de seus sonhos para não abandonar seus filhos e tem sua voz sufocada por uma sociedade que não tem, e não se esforça para ter, um lugar para ela.

Um dos aspectos responsáveis pela destruição dos sonhos de Helga é o discurso escrito para seu corpo pelas concepções patriarcais. Por toda a sua vida ela é pressionada a não ser solteira, a ter filhos e um marido, a se conformar com as idéias das pessoas brancas ou tentar ser como elas em sua aparência física. Após seu casamento ela é forçada a ficar em casa e ter o maior número possível de filhos e a abandonar sua carreira profissional. Uma carreira que também é destruída pela opressão sexual. Quando ela abandona Naxos não consegue outro emprego porque sofre um embargo feito pelas instituições educacionais. Ela precisa procurar por outros tipos de emprego, como por exemplo, o de bibliotecária ou assistente de uma escritora, porque sendo uma “mulatta” ela é considerada não confiável pela sociedade onde vive. Sua cor de pele a coloca no papel da “mulata sedutora”, que não é bem recebida pelas mulheres e considerada uma tentação aos homens. Este fato traz a tona um outro aspecto que não pode ser esquecido quando abordamos o corpo e os discursos criados para ele: a cor da

pele desse corpo.

O preconceito também conseguiu espaço na “criação” de discursos para o corpo. Como exemplo temos os estereótipos criados para as pessoas não brancas. Alguns desses estereótipos afirmam que os homens negros são animais obcecados pelo sexo e estupradores por natureza. Já as mulheres afro-descendentes são estereotipadas como sedutoras imorais: “amoral Jezebels who can never be truly raped, because rape implies the invasion of a personal space of modesty and reserve that the black woman has not been imagined as having” (BORDO, 1995, 9). As mulheres hispânicas também são rotuladas como animais guiados pelos instintos sexuais, mas a escravidão trouxe uma característica adicional para o discurso inscrito sobre o corpo das mulheres negras: sendo escravas seus corpos não eram apenas como os de animais, mas também propriedades a serem usadas de acordo com os desejos de seus donos. De fato, os estereótipos das mulheres afro-descendentes na literatura e no cotidiano tendem a considerá-las como meros corpos, cujos sentimentos não precisam ser levados em conta. O romance de Nella Larsen, *Quicksand*, não é apenas uma tentativa de destruir essas visões estereotipadas das mulheres negras, mas também de mostrar como a sociedade patriarcal é sufocante e destrutiva ao “outro”, ou, nesse caso, as mulheres.

## 5. Conclusão

Durante toda a história da humanidade muitos discursos foram criados para controlar os corpos de homens e mulheres para assegurar que eles agissem de acordo com os desejos dos grupos mais poderosos das sociedades. Muitas pessoas utilizam estratégias para desafiar e desconstruir esses discursos. Como exemplo temos pessoas que decidem contra-atacá-los abertamente e outras que resistem ou tentam sobreviver a esses discursos usando da “mímica” (mimicry) como estratégia. A estratégia deste trabalho foi tentar aumentar a consciência das pessoas em relação a esses discursos criados sobre seus corpos e a opressão que as mulheres sofrem em decorrência deles. Mesmo hoje, no século XXI, definições racistas e sexistas ainda permeiam nossa sociedade tentando “apagar” aquilo que é diferente nas pessoas ou excluindo-as.

*Quicksand* foi escrito no final da década de 1920, mas é extremamente atual. O romance mostra muitas maneiras através das quais uma pessoa, especialmente uma mulher, pode ser oprimida e sua luta para sobreviver, encontrar sua identidade e um lugar a que pertença. Em nosso mundo globalizado e multicultural, que prega ser igual, justo e possuir espaço para todos, as obras de Larsen nos mostram que ele está longe de alcançar toda a igualdade e justiça que prega, e que não é muito empenhado em encontrar lugar para todos ou respeitar o espaço de todos.

## 6. Bibliografia

BHABHA, H. K. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

\_\_\_\_\_. Signs Taken for Wonders. In: ASHCROFT, Bill et all (eds.). **The Post Colonial Studies Reader**. London: Routledge, 1997, p.29-35.



BEAUVOIR, Simone. Destiny. In: **The Second Sex**. London: Vintage, 1997 [1949].

BORDO, Susan. Introduction: feminism, Western culture, and the body. In: **Unbearable weight: feminism, Western culture and the body**. London: University of California Press, 1995.

CARBY, H.V. Quicksands of Representation: Rethinking Black cultural Politics. In: **Reconstructing Womanhood: The Emergence of The African-American Women Novelist**. New York: Oxford University Press, 1998, p.163 - 198.

DAVIS, T. Introduction. In: LARSEN, N. **Quicksand**. New York: Penguin Books, 2002.

GATENS, Moira. Power, bodies and difference. In: PRICE, Janet & SHILDWICK, Margrit. **Feminist theory and the body**. New York: Routledge, 1999.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

\_\_\_\_\_ & DU GAY (eds.). **Questions of Cultural Identity**. London: Sage Publications, 2002.

IRIGARAY, Lucy. The Power of discourse and the subordination of the feminine. In: **This sex which is not one**. New York: Cornell University, 1985.

LARSEN, N. **Quicksand**. New York: Penguin Books, 2002 [1928].

RILEY, Denise. Bodies, identities, feminisms. In: PRICE, Janet & SHILDWICK, Margrit. **Feminist theory and the body**. New York: Routledge, 1999.